



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DANAIDES: uma releitura do mito por Carmen Vasconcelos

Maria de Fátima de Lima Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - fatimallima@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo analisar a poesia de Carmem Vasconcelos, inspirada no mito grego das Danaides, sob o olhar da crítica literária feminista. Conta a mitologia que as Danaides, as cinquenta filhas do rei Danao, foram prometidas aos cinquenta filhos de seu irmão, o rei Egito. Danao, que se opunha ao casamento, traçou um plano: presenteou todas as filhas com um punhal e ordenou que matassem seus maridos na noite de núpcias. Apenas uma, Hipernestra, não consumou o plano por ter se apaixonado pelo seu esposo, Linceu. Assim, as quarenta e nove moças mataram seus maridos e foram condenadas ao Tártaro, sua pena era encher com água um tonel cheio de furos por toda a eternidade. A poesia de Vasconcelos traz o mito para a atualidade apresentando uma distinta releitura que agrega questões relativas à sexualidade feminina e também aborda o delicado tema da clitorectomia, prática cultural que consiste na mutilação dos órgãos genitais femininos. Segundo Bonnici, a origem do ritual vem da estupefação dos homens diante do poder de fertilidade da mulher e da sua sexualidade. A prática é frequentemente associada à religião islâmica, mas estudos comprovam que essa questão é mais um problema de uma cultura sexista do que religiosa. A releitura do mito pela poetisa reforça a constatação de que ainda vivemos numa sociedade predominantemente patriarcal, em que a mulher continua a almejar a igualdade entre os gêneros. A literatura feminina vem dando sua contribuição denunciando várias formas de violência ainda sofridas por muitas mulheres.

Palavras-chave: Danaides, mito, poesia, crítica feminista, clitorectomia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a releitura do mito das Danaides pela poetisa norte-rio-grandense Carmen Vasconcelos por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório. A pesquisa é descritiva, pois não trata de informações quantificáveis e a análise ocorreu de modo indutivo, focada na interpretação dos dados. A releitura contemporânea dessa poetisa revela a força e o poder de renovação do mito das cinquenta filhas do rei Danao, irmão gêmeo do rei Egito, que tinha cinquenta filhos. Este instruiu seus filhos a desposarem as Danaides, mas Danao era contra esse casamento e deu a cada filha um punhal, ordenando que matassem os maridos na noite de núpcias. Quarenta e nove obedeceram e assassinaram seus maridos. Apenas Hipernestra desobedeceu por ter se apaixonado por Linceu. As quarenta e nove moças foram condenadas ao Tártaro, prisão



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

subterrânea abaixo do Hades, onde sua pena era encher com água um tonel cheio de furos sem interrupção pela eternidade.

Para Eliade (1963), o mito sempre visa transmitir conceitos globais, apresentando o que é de difícil compreensão de forma simplificada, reduzindo a essência das coisas à sua gênese, ou seja, explicar a estrutura das coisas significa narrar o modo como elas foram feitas, descrever o mundo é contar a história de sua criação. De certa forma, os mitos respondiam às indagações humanas, sendo o modelo exemplar pelo qual o homem deveria se pautar. O mito sempre visa a transmissão de um ensinamento e neste as moças que são castigadas pelo assassinato que cometeram, pagam uma pena eterna, enquanto o patriarca Danao, que encomendou o assassinato dos 50 rapazes, nada teve a pagar. Dessa forma, a formação do mito tem origem no sistema social patriarcal, em que a mulher é subjugada, recaindo apenas sobre as Danaides a punição.

Carmen Vasconcelos nasceu em 21 de junho de 1965, na cidade de Angicos – RN e é formada em Serviço Social e Direito pela UFRN. Em 2000 publicou primeiro livro de poesia, *Chuva Ácida* (2000), seguido de *Destempo* em 2002. Em 2010 foi lançado *O Caos no Corpo* com poemas que abordam desde o universo feminino no seu cotidiano à sexualidade da mulher em diferentes nuances. O corpo feminino tem destaque em muitos poemas e, em especial, no capítulo intitulado “O elogio ao clitóris”. Essa parte do corpo da mulher foi descoberta em 1599 por Colombo Renaldus. Chamado de o amor *veneris dulcedo appeletur*, o clitóris, foi descrito como “a fonte do prazer feminino” (PRIORE, 2011, p. 32), mas a descoberta foi, até certo ponto, ignorada, pois, por muito tempo, os homens negaram a capacidade das mulheres de sentir prazer e insistiam na função reprodutiva do ventre.

No entanto, se o prazer feminino foi muitas vezes negado, em alguns casos ele é duramente combatido. Em vinte e oito países africanos, aproximadamente, é praticada a clitorectomia, ou mutilação genital feminina, termo que descreve “uma série de práticas que envolvem a excisão dos órgãos genitais femininos, no sentido de retirar à mulher a capacidade de sentir prazer sexual” (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 137). O poema Danaides, que dialoga com o mito, coloca a clitorectomia como uma das expressões da violência contra a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher e como uma insígnia da submissão, pois no poema as quarenta e nove Danaides que cometeram o assassinato de seus maridos a mando do pai tinham sofrido essa mutilação.

2 A CRÍTICA FEMINISTA E A AUTORIA FEMININA

Segundo Zolin (2009), a crítica feminista, surgida por volta dos anos de 1970 como vertente do movimento feminista, originou os estudos sobre literatura feminina antes ignorada pela história literária. Tendo como elemento orientador o feminismo, vários estudiosos da literatura começaram um trabalho de resgate da produção literária de autoria feminina, visando reconstruir essa história da qual as mulheres não participavam. O que se propunha era um rompimento dos valores preestabelecidos que regulavam o cânone literário como: o essencialismo, a homogeneização, o universalismo, que orientavam os critérios de tradição e de valorização arraigados na cultura patriarcal. O que resultou do questionamento desses valores que corroboravam com a invisibilidade da mulher na história da literatura foi o entendimento e a visibilidade da mulher não só como sujeito do ato da escrita, mas também de toda uma produção crítica e teórica (ZOLIN, 2009).

Num contexto histórico, o cânone literário, tido como um conjunto de obras-primas modelo, sempre foi composto pelo “homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres” (ZOLIN, 2009, p. 326). Para a mulher adentrar nesse meio foi preciso uma ruptura com os preceitos impostos pela cultura vigente, falocêntrica e logocêntrica. As mulheres que ousavam pôr a mão à pena sofriam toda sorte de discriminação e preconceitos oriundos da ideologia reguladora da tradição canônica marcada pelo repúdio das diferenças. Devido a esse tipo de posicionamento em relação às mulheres escritoras, a crítica literária feminista tem buscado trabalhar com o objetivo de, como afirma Zolin (2009), desconstruir as regras que têm fundamentado a tradição canônica, seus pressupostos ideológicos, seus códigos estéticos e teóricos, que sempre estiveram marcados por preconceitos de cor, raça, classe social e de sexo, para então desestabilizá-lo e por fim reconstruí-lo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O que se tem observado é uma reação movida pela descoberta de que o valor de uma obra considerada canônica não se encontra necessariamente no texto literário, mas está relacionado a valores externos em consonância com o discurso patriarcal. O objetivo maior é levar a mulher à visibilidade como produtora de um discurso próprio, diferente daquele arraigado no consciente e inconsciente coletivo, “inserindo-a na historiografia literária” (ZOLIN, 2009, p. 328).

Nacionalmente, assim como no exterior, a literatura feminina, até recentemente, não aparecia no cânone, isto é, de fato ela não existia efetivamente. A ideia que se tinha até meados do século XX, até mesmo nos manuais de história da literatura, é que o universo literário era despovoado de mulheres, havia tão somente homens. Essa exclusão se devia ao fato de não se considerar que as escritoras tivessem participação na formação da identidade nacional ou por considerar suas obras inferiores às dos homens.

O lugar que a mulher passou a ocupar na sociedade devido ao movimento feminista fez-se refletir, por consequente no universo literário. A crítica, antes feita quase somente por homens, passa a ter a participação das mulheres, assim como o aumento do número de mulheres que escrevem como literatas, agora não mais assombradas pelos fantasmas da exclusão e do escândalo. Assim, se faz de grande valia o trabalho de resgate da literatura produzida por mulheres, antes fadada ao esquecimento pelo cânone, sob o pretexto de se constituir de textos de baixo valor estético comparados à “alta” literatura produzida pelos homens. O resultado desse trabalho de resgate levou à descoberta de inúmeros livros de mulheres que, apesar de sua qualidade, foram ignorados pela crítica (ZOLIN, 2009).

Na mesma linha desse trabalho de resgate da produção de autoria feminina vem o trabalho de revisionismo crítico.

Considerando que o cânone consiste numa instituição capaz de determinar e indicar a literatura representativa de determinada cultura, pode-se dizer que sua constituição é uma decorrência do discurso crítico dessa cultura. (ZOLIN, 2009, p. 328).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, no contexto de uma cultura patriarcal, as obras valorizadas pelo cânone são as que correspondem aos preceitos do patriarcalismo. A revolução cultural dos anos 1960 que se empenhou em destronar a autoridade do falo-etno-euro-centrismo impulsionou os estudos críticos feministas e também a literatura feminina. Enquanto nos anos de 1930 e 1940 eram poucas as mulheres escritoras, os anos de 1970 vão assistir a uma verdadeira avalanche de publicações de mulheres que se tornariam reconhecidas nacionalmente como, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles entre outras que abriram uma tradição para a literatura de autoria feminina no Brasil.

A literatura brasileira, inserida num contexto de mudanças agregou a si outras vozes, vozes femininas. O que se nota é que essas escritoras, tendo em vista a nova mentalidade em relação à condição social da mulher, que foi impulsionada pelo feminismo, adentram no mundo da ficção, antes relegado aos homens, e produziram narrativas povoadas de personagens femininas que têm a consciência de sua condição de dependência e submissão imposta pela ideologia patriarcal.

Sabendo que a mulher sempre foi dona de uma literatura própria, embora essa tenha sido relegada ao esquecimento, as(os) críticas(os) feministas, quando desempenham a função de emergir essa literatura, ao interpretá-la e revisá-la fora dos mecanismos teóricos que a marginalizaram, têm realizado o trabalho de analisar e descrever as marcas, as peculiaridades dessas obras, relacionando com o tempo em que foram produzidas. Para Zolin (2009) as mulheres construíram sua tradição literária a partir das relações, ainda em desenvolvimento, travadas com a sociedade em que se inserem. Para a ensaísta norte-americana Elaine Showalter (1985, apud, ZOLIN, 2009) a produção literária de autoria feminina subdivide-se em três grandes fases: a de *imitação* e *internalização* dos valores vigentes; a de *protesto* contra esses valores; e por fim a fase de *autodescoberta* que tem como característica a busca da identidade própria. “Adaptando essas fases às especificidades da literatura de autoria feminina, tem-se a fase *feminina*, a *feminista* e a *fêmea* (ou *mulher*)” (ZOLIN, 2009, p. 330). A fase *feminina* é marcada pela assimilação e repetição dos valores patriarcais vigentes, a fase *feminista* se caracteriza pelo questionamento desses valores, pelo protesto e rompimento com



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

os padrões da época, enquanto a fase *fêmea* é marcada pela autoconsciência e pela busca da identidade.

Em suma, pode-se dizer que se as vozes das mulheres tal como as vozes de grupos de minorias étnicos e sexuais estiveram, por muito tempo, censuradas na sociedade e por consequência na literatura. O fim do século XX, porém, presenciou verdadeira revolução nesse meio: o reconhecimento institucional da existência da literatura escrita por mulheres como legítimo objeto de pesquisa (ZOLIN, 2009).

No entanto resta ao pesquisador e ao professor de literatura fazer com que essas vozes “outras” sejam ouvidas não apenas entre eles próprios, nos limites das reuniões acadêmicas, dos grupos de trabalho e seminários que se debruçam sobre a temática “Mulher e Literatura”, mas também nas salas de aula, numa atitude de renovação e não da perpetuação de ideologias hegemônicas, como a patriarcal. (ZOLIN, 2009, p. 335).

Nas últimas décadas, a crítica literária feminista se debruçou sobre o tema da autoria feminina, visando responder se os textos escritos por mulheres diferem dos textos escritos por homens. “O feminismo tem vindo a trazer para crítica a questão da autoria e da autoridade textual” (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 7). Sabe-se que ao longo do tempo, as mulheres tiveram de travar grandes batalhas para terem direito ao saber e, consequentemente, à escrita. Desde o início dos tempos, a mulher foi afastada do conhecimento, pois este seria contrário à feminilidade. O saber é apanágio de Deus e do homem a quem Ele o delegou (PERROT, 2006). Por isso Eva cometera o pecado original, sendo mulher quis saber, acabou caindo na tentação do Diabo e recebeu o castigo de Deus. A figura de Eva é, nesse ponto, simbólica, pois morde a maçã por curiosidade.

Ler, escrever e ter conhecimento comparável ao do homem era considerado uma monstrosidade moral para uma mulher. Ao longo da história, reafirmava-se a ideia de que “o conhecimento era contrário à sua natureza: feminidade e saber anulam-se” (PERROT, 2006, p. 100). A escrita não era da competência das mulheres e não foi fácil alcançá-la. A escrita feminina estava reclusa no domínio privado, à correspondência entre familiares ou à



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contabilidade na pequena empresa. Publicar era outro empecilho. As autoras do século XIX eram ofendidas e tratadas com sarcasmo pelos homens, mesmo assim elas se tornaram cada vez mais numerosas. Elas começaram a escrever em jornais e em revistas femininas, publicaram obras sobre educação, biografias de mulheres famosas, poesias e romances.

As conquistas das mulheres no âmbito literário foram alcançadas a muito custo, e hoje são visíveis os frutos de tamanho esforço. Graças ao surgimento da crítica feminista, a literatura produzida por mulheres tem se tornado frequente objeto de análise, em que se tenta detectar as especificidades que a separam de textos produzidos de acordo com a ideologia patriarcal.

3 AS DANAIDES DE CARMEN VASCONCELOS

O mito das Danaides já foi contado e recontado muitas vezes ao longo do tempo e a escritora Carmen Vasconcelos fez uma releitura poética que apresenta outra perspectiva dessa história:

DANAIDES

De todas elas (eram cinquenta), só uma tinha clitóris.
Os outros quarenta e nove a tradição extirpara.
Por isso, só uma não derramou o sangue do homem,
preferiu pingar umas gotinhas do seu.

As Danaides mataram seus maridos na noite de núpcias,
porque para elas o mel da libido foi estancado.
As filhas do ditador foram cúmplices
dos assassinatos dos seus homens,
porque para elas o mel da libido foi estancado.

A moça que explodiu matando muitos,
para ela não foi prometido prazer no céu,
nem na terra, pois já não tinha o mel da libido.

O clitóris é a única chance de paz.
Daí toda violência jorrar da mutilação,
Ânfora com furos por todos os lados.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(VASCONCELOS, 2010, p 96)

A poetisa se apropria do mito para fazer uma denúncia contra a prática da clitorectomia, que consiste num ritual de mutilação dos órgãos genitais femininos, praticado há séculos em nome de uma tradição sem origem nem causas definidas, frequentemente associada ao islamismo. Segundo Bonnici (2010, p.41), a clitorectomia “é a extirpação do clitóris ou, impropriamente falando, circuncisão feminina”, atualmente praticada em tribos árabes ou entre comunidades pobres do continente africano. O autor afirma que a origem da clitorectomia vem da estupefação dos homens diante do poder de fertilidade da mulher e do medo da sua sexualidade. Bonnici (2007, p. 241) define a sexualidade como “prática sexual e realização de desejos variegados do comportamento humano”. Desse modo a eliminação dos desejos e da atividade sexual da mulher teria a função de garantir a fidelidade da esposa e a paternidade dos filhos. A AAWORD (Associação de Mulheres Africanas para a Pesquisa e o Desenvolvimento) condena a clitorectomia, mas condena também a visão sensacionalista com que os europeus têm tratado o assunto e sua insistência no “barbarismo” dos mulçumanos. Segundo Bonnici (2007 p.41), “a AAWORD insiste que a abolição dessa prática necessita de uma análise de suas causas, como a ignorância, a exploração, a pobreza, o analfabetismo feminino, a desigualdade de gênero, leis injustas”.

Para Saadawi (1980, apud BONNICI, 2007) a história da prática da clitorectomia diz que ela era praticada antes mesmo da origem do islamismo, que o costume não consta no livro sagrado Alcorão e em outras épocas fora praticado tanto por cristãos quanto por mulçumanos.

Vários grupos africanos têm combatido o problema através da escolaridade, reforma de lies sobre a família e educação na saúde feminina. Os movimentos feministas em muitos países africanos onde ainda se pratica a clitorectomia têm conseguido avanços no processo de estender às mulheres o direito de autodeterminação sobre seu corpo e, ao mesmo tempo, continuam sensíveis às culturas que valorizam a responsabilidade comunitária. (BONNICI, 2007, p.42; 43).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, a questão da clitorectomia é mais um problema político do que religioso, que tenta manter os pilares de uma sociedade patriarcal. Carmen Vasconcelos denuncia essa prática associando a violência cometida pelas Danaides à mutilação física e psicológica sofrida por essas mulheres, pois elas foram privadas de sentir prazer, sendo esta uma das justificativas para a prática da clitorectomia. O ritual é praticado ainda na primeira infância em meninas de 5 a 10 anos de idade. As famílias que submetem suas meninas a esse ritual acreditam que a prática ajuda a: manter a limpeza e higiene da mulher; ter uma boa saúde; preservar a virgindade; aumentar a fertilidade; prevenir a promiscuidade, além de criar mais oportunidade de matrimônio. A mutilação é tida como estética e também visa potencializar o desempenho sexual masculino e seu prazer. São os patriarcas da família que controlam o corpo de suas filhas e decidem o que é melhor para suas vidas¹.

Na poesia notamos a referência ao patriarcado no excerto: “As filhas do ditador foram cúmplices/ dos assassinatos dos seus homens” (VASCONCELOS, 2010, p. 96), o que nos leva a pensar que mulheres circuncidadas eram mais sensíveis às ordens do patriarca, eram mais submissas. Segundo a teoria feminista, o patriarcalismo é um sistema de organização social caracterizado por uma grande família chefiada por um patriarca. Nesse sistema, o feminino sofre uma subjugação por parte do masculino. Antropologicamente, o ponto de partida do patriarcalismo foi quando as sobras econômicas passaram a ser acumuladas. A transferência das famílias, que viviam em sociedade comunitária, onde o homem e a mulher exerciam papéis recíprocos, para a vivência em propriedades privadas, deu origem à hierarquização de classes, à formação dos estados e à opressão feminina (BONNICI, 2007).

O feminismo francês define o patriarcalismo como a primazia psicológica e ideológica do masculino sobre os sistemas de representação. Na representação da mulher na literatura, as personagens são relegadas a estereótipos tradicionais baseados na biologia e nas convenções sociais. Na linguística e na linguagem, respectivamente, o feminino é mero complemento do masculino e a mulher está submetida a uma linguagem dominada pelo homem. O que torna o patriarcalismo imponente, como arma psicológica de repressão, são os seguintes fatos: a sua universalidade e sua longevidade, características essas que impossibilitam a existência de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

algum referente para lhe fazer contraste ou mesmo rejeitá-lo. Embora o classismo esteja na mesma condição, o patriarcalismo ainda é mais enraizado e por isso tem uma tendência poderosa de se firmar como um discurso natural. O patriarcalismo é definido como o controle e a repressão da mulher pela sociedade masculina e parece constituir a forma histórica mais importante da divisão e opressão social (BONNICI, 2007).

No poema, as mulheres que sofreram a clitorectomia são ainda mais submissas ao poder patriarcal porque lhes foi negado o direito à libido. A única que tinha clitoris “preferiu pingar nos panos umas gotinhas do seu” próprio sangue, pois dela não lhe foi “extirpado” o direito sobre seu próprio corpo e a capacidade de sentir prazer. Vasconcelos vai além e faz referência a outra questão tão polêmica quanto a anterior: o terrorismo e as mulheres-bomba. Na 3ª estrofe a autora o tema associado a uma figura feminina que “para ela não foi prometido prazer no céu nem na terra”. Algumas passagens do Alcorão² referem-se ao paraíso como um lugar muito sensual onde os “eleitos” desfrutam de prazeres eternos com as huris (mulheres formosas, que farão companhia aos justos no paraíso), ou seja, as mulheres passariam a eternidade servindo aos homens, satisfazendo seus desejos sexuais. O Alcorão, Surata 66, versículos 12-40, diz: “Sabei que criamos as huris para eles, e as fizemos virgens, companheiras amorosas para os justos.” Segundo alguns intérpretes e estudiosos do Alcorão, a beleza, a juventude e a virgindade das huris é eterna, uma vez que seus hímens se reconstróem a cada ato sexual.

4 CONCLUSÃO

Para Amaral e Macedo (2005), a violência contras as mulheres ocorre em todos os países do mundo e, embora alguns deles possuam uma legislação específica para tratar da violência doméstica (como a lei Maria da Penha, no Brasil), ela continua a existir mesmo diante da conquista de direitos pelas mulheres, das mudanças ocorridas na sociedade nas últimas décadas, da emancipação e da educação feminina. Ainda que a violência contra as mulheres seja constatada como uma realidade mundial, ela é ainda mais forte na Índia, em



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

países árabes e nos países africanos. Grande parte dos casos de violência ocorre no âmbito familiar, onde as relações de poder são mais demarcadas e ainda toleradas pela sociedade machista.

No relacionamento homem-mulher a violência contra a mulher assume vários aspectos e graus, desde o xingamento até a circuncisão feminina e o assassinato. Frequentemente o assassinato de mulheres supera o número de mortes por derrame ou AIDS. (BONNICI, 2007 p 260).

Vasconcelos encerra seu poema afirmando: “O clitóris é a única chance de paz./ Daí toda violência jorrar da mutilação,/ Ânfora com furos por todos os lados.”. Versos que nos levam a refletir sobre a violência contra a mulher e as injustiças sociais como um todo que na contemporaneidade ainda são muito presentes, e sua resolução depende de uma organização social fundamentada na não-violência e na igualdade entre gêneros. A releitura do mito pela poetisa reforça a constatação de que ainda vivemos numa sociedade patriarcal e injusta, mas que a literatura feminina vem dando sua contribuição denunciando as desigualdades, as injustiças e a violência ainda sofridas por muitas mulheres.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luísa; MACEDO, Ana Gabriela (orgs). **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamentos, 2005.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

PERROT, Michelle. **Uma história de mulheres**. Porto: Edições Asa, 2006. Coleção Ler & Saber.

PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

VASCONCELOS, Carmen. **O caos no corpo**. Ideia, Natal, 2010.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ZOLIN, Lúcia Osana. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria Literária: Abordagens teóricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

¹ No texto intitulado "Circuncisão feminina" de autoria de Almira El Ahl. Disponível em: [em:http://www.juraemproaeverso.com.br/mulher/ircuncisaofemininahtm](http://www.juraemproaeverso.com.br/mulher/ircuncisaofemininahtm). Acesso em 02 out. 2014.

² No texto intitulado "O problema das virgens" de autoria de Wilson Porto Rei. Disponível em: [em:http://dragaodagaragem.blogspot.com/2008/02/o-orblema-das-virgens.html](http://dragaodagaragem.blogspot.com/2008/02/o-orblema-das-virgens.html). Acesso em 08 dez. 2014.